

Um modernista paraibano no mundo: José Lins do Rego e a excursão do Flamengo à Suécia em 1951

A modernist from Paraíba in the World:
José Lins do Rego and Flamengo's Tour of Sweden in 1951

Regiane Matos

Pesquisadora independente, São Paulo/Brasil
Doutora em História, Política e Bens Culturais, CPDOC/FGV
regianematos89@gmail.com

RESUMO: Este artigo aborda a viagem do intelectual modernista José Lins do Rego (1901-1957) à Suécia, ocorrida no ano de 1951, ocasião na qual o paraibano chefiou a delegação do time de futebol masculino do Clube de Regatas do Flamengo naquela que foi a primeira excursão à Europa. Serão comentadas as redes de sociabilidade por ele constituídas, principalmente com Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974), dando luz à reunião e análise das crônicas esportivas por ele assinadas e recuperando artigos de jornais brasileiros (*O Globo* e *Jornal dos Sports*) e suecos (*Aftonbladet*; *Dagens Nyheter*; *Idrottsbladet*; *Rekordmagasinet*; *Stochholms-Tidningen*; *Svenska Dagbladet*) que trataram dessa turnê sueca. Pretende-se, pois, revelar a faceta de Zé Lins cronista esportivo e viajante. A hipótese central é que o alargamento da rede de sociabilidade para uma escala internacional é decorrente da consagração literária do romancista em 1943, colhendo os louros após a publicação de *Fogo morto*. Foi a partir desse ano que começaram as suas viagens internacionais, que lhe permitiram conhecer 18 países do mundo e estabeleceram uma ponte que lhe permitiu ir além dos seus guetos provincianos, comunicando-se com seu público-leitor e revelando a ele suas andanças por tantos becos deste mundo.

PALAVRAS-CHAVE: José Lins do Rego (1901-1957); Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974); Crônica esportiva; Clube de Regatas do Flamengo; Suécia.

ABSTRACT: This article discusses the trip of the modernist intellectual José Lins do Rego (1901-1957) to Sweden, which took place in 1951, in which the man from Paraíba led the delegation of the men's soccer team of Clube de Regatas do Flamengo in what would be the first excursion to Europe. The sociability networks constituted by him will be commented, mainly with Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974), giving light to the gathering and analysis of the sports chronicles signed by him and recovering articles from Brazilian (*O Globo* and *Jornal dos Sports*) and Swedish newspapers (*Aftonbladet*; *Dagens Nyheter*; *Idrottsbladet*; *Rekordmagasinet*; *Stochholms-Tidningen*; *Svenska Dagbladet*) who handled this Swedish tour. It is intended, therefore, to reveal the facet of Zé Lins, a sports chronicler and traveller. The central hypothesis is that the expansion of the sociability network to an international scale is due to the literary consecration of the novelist in 1943, reaping his laurels after the publication of *Fogo morto*. It was from that year onwards that he began his international travels, which allowed him to visit 18 countries in the world and established a bridge that allowed him to go beyond his provincial ghettos, communicating with his readership and revealing to them his wanderings through so many alleys of this world.

KEYWORDS: José Lins do Rego (1901-1957); Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974); Sports Essays; Clube de Regatas do Flamengo; Sweden.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda as viagens do intelectual modernista José Lins do Rego (1901-1957), concentrando-se no estudo de caso referente à viagem para a Suécia, ocorrida no ano de 1951, ocasião na qual o paraibano chefiou a delegação do Clube de Regatas do Flamengo naquela que seria a primeira excursão do time de futebol masculino à Europa. Serão comentadas as redes de sociabilidade por ele constituídas, dando luz à reunião e análise das crônicas de viagem e de futebol por ele assinadas. Pretende-se, pois, revelar como Zé Lins, cronista de futebol e viajante, conseguiu aproximar seu leitor de temas simples, estabelecendo uma ponte que lhe permitiu ir além dos seus guetos provincianos, comunicando-se com seu público-leitor e revelando a ele suas andanças por tantos becos deste mundo.

Suas viagens oficiais e turísticas ao exterior precederam aquelas realizadas no Brasil. Estas passaram pelo sertão, pelo campo e por cidades brasileiras. Tratou-se de itinerários nacionais que alargaram a sua visão nacional e territorial. As leituras de autores estrangeiros antecederam suas incursões com os próprios olhos e serviram de primeiro contato dentro das viagens livrescas, que começaram ainda na sua vida de infância no engenho.

Em 1924, JLR e Gilberto Freyre já haviam viajado juntos pelo interior da Paraíba e de Pernambuco.¹ Dezesesseis anos depois, em 1940, os dois nordestinos, a fim de entender o contexto nacional a partir da alteridade entre os múltiplos regionalismos, viajaram ao Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul: enquanto Freyre viajou a convite do interventor federal, e, como sociólogo, pudera explorar o tema da diversidade regional a partir do Brasil meridional. A viagem de JLR aos três Estados sulinos foi “de recreio”. No ano seguinte à viagem, foi publicado *Região e tradição* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1941 (Coleção Documentos Brasileiros)), livro de Freyre com prefácio de JLR.

Sabe-se, no entanto, que JLR também vivenciou a experiência do roteiro sulino como reveladora das diferenças e semelhanças entre as regiões do país. Aqui é importante lembrar que esta experiência de alteridade, ainda nacional, aconteceu três anos antes de o romancista e cronista paraibano viajar ao exterior pela primeira vez.

Reconheço aqui a veia regional nos romances zelinianos, mas vejo com reservas a recepção reducionista de JLR como um simples discípulo de Freyre, uma versão literária de suas ideias sociológicas. Como bem indicou Neroaldo Pontes de Azevedo,² faz-se necessário assinalar o movimento crescente na obra de JLR, substituindo a memória e o subjetivismo por uma observação mais refinada, marcada por uma visão dramática e tensa das relações sociais e afetivas entre seus personagens, indicando o abandono progressivo da visão idílica e da noção freyriana de equilíbrio de antagonismos.

A hipótese central é que o alargamento da rede de sociabilidade para uma escala internacional é decorrente da consagração literária do romancista em 1943, colhendo os louros após a publicação de *Fogo morto*, podendo ser inclusive a motivação inicial para que fosse realizada a sua primeira viagem ao exterior, para a Argentina nesse mesmo ano, a fim de proferir conferências a respeito da Literatura

¹ FREYRE apud DANTAS. *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho*, p. 55.

² AZEVEDO. José Lins do rego: trajetória de uma obra.

Brasileira a partir de convite do Itamaraty. Isto lhe permitiu, inclusive, alargar e ressignificar as redes nacionais que já haviam sido estabelecidas.

Em suas crônicas, a partir de um convite à conversa com seu leitor, JLR se utiliza das notícias atuais e das situações de informalidade, trânsito pela cidade e cordialidade de seu cotidiano como matéria que origina o impulso criador de seus rabiscos do ofício de cronista. Após 1943, a carreira de JLR passa a ser marcada pela sua forte atuação no mundo do futebol, em relações editoriais e na intensa produção para diversos periódicos cariocas, sobretudo *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, nos quais publicou crônicas sobre esporte, cinema, cotidiano e viagens.

Para além do levantamento de Bernardo Buarque de Hollanda³, Regiane Matos⁴ incluiu mais três países na lista de viagens de José Lins: 1) ao Chile em 1952, na ocasião JLR acompanhou a Seleção Brasileira em amistosos que antecederam o Sul-Americano de futebol, que ocorreria em Lima, capital do Peru, em 1953; 2) à Síria, quando visitou Damasco, e à região da Palestina, quando visitou a cidade de Belém, essas duas últimas em 1955 e dentro do roteiro que teve como destino principal Israel; e 3) a Cabo Verde, em 1956, quando realizou uma longa viagem de barco, partindo de Portugal e passando pela Ilha da Madeira e pela então colônia portuguesa. Optou-se por mencionar a Palestina que, mesmo sendo considerada um território que não corresponde a um país, representa uma cultura e uma sociedade importantes e de grande valor nos debates históricos e geográficos.

Na América Latina, o cronista visitou quatro países – Argentina (1943); Uruguai (1943); Chile (1952) e Peru (1953). A Europa foi o continente mais visitado por ele – França (1950, 1951 e 1952); Suécia (1951); Dinamarca (1951); Portugal (1951, 1952, 1954 e 1956); Itália (1952 e 1954); Suíça (1954); Alemanha (1954); Grã-Bretanha (1954), Espanha (1954); Finlândia (1954) e Grécia (1955 e 1956). No Oriente Médio, JLR esteve em Israel, Síria e na região da Palestina. Na África, o único país visitado foi Cabo Verde.

No intervalo de 13 anos, JLR visitou 18 países do mundo, sobre os quais escreveu crônicas, leu autores e a partir dos quais também estabeleceu outras redes de sociabilidade além-mar e além-fronteiras. Trago aqui a ideia de que JLR se utiliza de suas crônicas de viagem como um testemunho pessoal, imbricado, portanto, ao caráter falível da memória. Esses textos possibilitam diversas frentes de leitura: pode ater-se à descrição interna das paisagens e das situações, às marcas das sociedades locais ali representadas, ao pensamento em torno da condição humana etc., de maneira que a narração de episódios de uma viagem por um cronista se difere de como, por exemplo, um geógrafo ou um historiador observariam e descreveriam o mesmo tipo de situação e ambiente.

Podemos dividir as viagens de JLR em três tipos: as viagens diplomáticas, fruto do convite de instituições oficiais do Brasil e do exterior; as viagens esportivas, ligadas à sua condição de dirigente do Clube de Regatas do Flamengo e de secretário geral da Confederação Brasileira de Desportos, e, por último, as viagens turísticas, no contexto de passeios particulares, alguns deles com fins familiares.⁵

³ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 223-234.

⁴ MATOS, *O provinciano cosmopolita: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950*, p. 65.

⁵ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 224.

Durante as diversas viagens feitas pela América, à Europa e ao Oriente Médio, JLR, de forma semelhante à produção literária de narrativas de viagem de Érico Veríssimo e de Cecília Meireles, não deixava de produzir crônicas sobre suas impressões naquelas terras estrangeiras, enviando-as para publicação nos jornais brasileiros, principalmente n’*O Globo*. Desse “[...] conjunto de viagens a Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Grécia, Itália, Israel, resultam livros em que colige os seus curtos apontamentos”.⁶

Daí as publicações de seletas de suas crônicas e ensaios em coletâneas: *Gordos e magros* (1942); *Bota de sete léguas* (1952); *Roteiro de Israel* (1955); *Gregos e troianos* (1957) e *O vulcão e a fonte* (1958). Esse último volume foi publicado postumamente em 1958, com apresentação assinada por Lêdo Ivo.

Os dados de editoras – todas cariocas – e anos de publicação nos fazem ver que a Livraria e Editora José Olympio, então detentora da totalidade dos direitos autorais das obras de ficção do escritor, só veio a editar e publicar as crônicas zelinianas postumamente, no começo do século XXI, fato que está relacionado à menor importância dada a esse gênero, muito importante no projeto modernista de autores, como o próprio José Lins do Rego e também de Manuel Bandeira. Assim, parece que as editoras preferiam focar na publicação de romance e poesia de seus principais autores.

Os jornais, por outro lado, permitiam o alcance desse projeto modernista de alcance de público através de textos curtos e escritos em uma linguagem mais simplificada, repartindo um saber, expresso em linguagem capaz de motivar e ativar uma forma didática e jornalística, partindo da notícia e dos acontecimentos locais, nacionais e internacionais.

Mesmo fora do Brasil, JLR não deixava de realizar análises de comparação com o seu país de origem, trabalhando assim a alteridade e também, muitas vezes, não deixando de criticar as atuações de Getúlio Vargas, Eurico Dutra e Juscelino Kubitschek, presidentes do Brasil durante os anos em que o cronista publicou n’*O Globo*.

JLR foi amigo próximo do empresário Roberto Marinho que, em 1943, convidou-o para publicar no jornal, no qual o paraibano passou a colaborar exaustivamente até a sua morte, em 1957. Nessa mesma década, o empresário carioca também se aproximara de Gilberto Freyre. JLR dedica, inclusive, o seu livro de crônicas *Homens, seres e coisas*, de 1952, a Roberto Marinho. A série de crônicas que levam o nome “Conversa de lotação”, por exemplo, tem início 15 anos depois da chegada do paraibano e de sua família à cidade do Rio de Janeiro. No caso do *Jornal dos Sports*, o convite para se tornar colaborador partiu de seu fundador, o jornalista Mário Filho.

Nas crônicas zelinianas, é possível identificar o retrato/a singularização de pessoas, coisas e situações vividas e/ou imaginadas pelo cronista, relacionadas ao meio ambiente, às paisagens, à linguagem do cotidiano e às tradições, aos hábitos e aos costumes das populações (alimentação, futebol, lazer, vestuário etc.). Esses personagens ilustram muito bem as angústias e as inquietações da condição humana, inerentes a todas as classes sociais, e são explicitadas pela faceta cronista de José Lins, dialogando diretamente com o projeto do Estado Novo. O autor se dava ao trabalho de selecionar temas que, ao mesmo tempo, seduziam o leitor e o fazi-

⁶ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 227-31.

am, também, refletir acerca das questões cotidianas do Brasil e do mundo, sempre enfatizando o seu ponto de vista, ou seja, sua ideologia a partir da literatura.

Há diversos círculos na esfera de sociabilidade internacional do cronista JLR. Aqui é importante pontuar que a motivação original de cada uma de suas viagens – fossem elas diplomáticas, esportivas ou turísticas, como categorizadas anteriormente – implica geralmente na ativação de grupos sociais e políticos específicos.

Durante a minha pesquisa pude alargar fontes de compreensão da carreira intelectual de JLR, nas redes do regionalismo nordestino e, posteriormente, da capital federal, transitando entre o campo editorial, em torno da Livraria José Olympio e dos jornais com os quais colaborava, e esportivo, em torno do Clube de Regatas do Flamengo e da CBD, na qual atuou por 12 anos, entre 1943 e 1955.

A sua intensa colaboração n’*O Globo*, entre 1944 e 1956, permite acompanhar o desenvolvimento quase que diário das suas ideias, entusiasmos e contradições. Logo, as crônicas derivadas de suas viagens são produções ilustrativas da função profissional e turística desses movimentos internacionais, mostrando como as leituras que fizera sobre esses países, antes mesmo de conhecê-los, derivadas de relatos, experiências e produções de terceiros, também fazem parte da sua maneira de ver o mundo.

Assim, é compreensível a escolha dele, escritor que alcançou reconhecimento literário e alto número de leitores de sua obra para os padrões da época, e que se utilizou da literatura como instrumento primeiro de denúncia social.

O caso da Suécia é emblemático por tratar-se de uma viagem de cunho esportivo. Na ocasião ele viajou como chefe da delegação do Clube de Regatas do Flamengo, seu clube do coração, que estava pela primeira vez em uma turnê europeia. É possível imaginar como o cronista deparou-se com tamanha responsabilidade, em uma experiência que foi celebrada, já que o Flamengo ganhou os 10 amistosos disputados em campos da Suécia, Dinamarca, França e Portugal. Esse país escandinavo já aparecera em seu romance *Riacho doce*, publicado em 1939. Mais adiante será comentada a figura do sueco como imigrante ideal no Brasil, a partir da política imigratória estabelecida pelo Estado Novo.

A importância e relevância da relação de Gilberto Freyre com José Lins do Rego teve que ser, inevitavelmente, levada em consideração. Contudo, busco sublinhar a importância de José Lins do Rego como um intelectual tão importante quanto Freyre na construção da imagem do Brasil para os brasileiros e para o exterior. Embora as trajetórias dos dois tenham pontos em comum, sobretudo na década de 1920, quando se conhecem e convivem por algum tempo, a partir da década de 1930 suas carreiras tomam rumos distintos, sendo os pontos de elo o regionalismo, o Nordeste e a paixão pelo Brasil.

Diferentemente de seu grande amigo Gilberto Freyre, que se mantinha com o dinheiro que obtinha de publicações de artigos em jornais, edição de livros e projetos financiados, boa parte deles pelo governo português, ou seja, um intelectual sobretudo acadêmico, José Lins enveredou-se pelos romances, pelas crônicas, pelo Flamengo e em diversas redes de sociabilidade que estabeleceu sobretudo a partir da cidade do Rio de Janeiro, onde viveu por mais de três décadas.

Este recorte da viagem à Suécia permite desvendar tanto o cronista esportivo quanto o viajante. As crônicas de José Lins do Rego que serão apresentadas trazem o colorido de suas impressões subjetivas e de seu estado de espírito, mesclam

a experiência pessoal e a vocação literária. Ao considerar sua vasta produção cronística, ainda pouco explorada pela Academia e pelo mercado editorial, este trabalho é mais uma contribuição aos estudos zelinianos, a fim de que eles sejam mais explorados através do gênero crônica.

As crônicas de JLR vão além do texto datado, ligado ao presente, e servem como ferramenta para a reconstituição de um tempo histórico brasileiro e mundial. Ao pensar o significado das viagens para o seu desenvolvimento intelectual e para a sua escrita, pode-se destringir a leitura em três frentes: o homem, o escritor e o viajante. A propalada função política do escritor se deu em JLR através do exercício cotidiano da literatura. Através de seus romances, ensaios e crônicas, pôde estabelecer-se dentro das principais redes de sociabilidade nacionais que, anos mais tarde, permitiriam ao viajante, antes provinciano, visitar dezoito países do mundo. Sem deixar de ser provinciano, assim ele também se tornou cosmopolita e pôde inserir em seus temas cronísticos suas impressões sobre as viagens.

A escolha de seu nome para tantas viagens como representante do Brasil, dentre as outras possibilidades e nos diferentes contextos, é pensada aqui como derivada de seu sucesso como intelectual regionalista. Conforme mencionado anteriormente, é partir de 1944, ou seja, meses após sua primeira viagem além das fronteiras nacionais, que se inicia sua colaboração n’*O Globo*, veículo no qual ele pôde transpor o espaço regional por ele criado em seus romances, chegando a outros mundos histórico-sociais e outras regiões geográficas, em suas crônicas de viagem. Entre 1945 e 1957 ele publicou crônicas esportivas no *Jornal dos Sports*, na coluna “Esporte e Vida”.

JOSÉ LINS DO REGO, GUNNAR GÖRANSSON E A SUÉCIA

A viagem do cronista esportivo à Suécia em 1951 foi parte do roteiro da primeira temporada de jogos amistosos do Clube de Regatas do Flamengo na Europa, cuja excursão também passou por Dinamarca, França e Portugal. Será apresentada a parceria entre o Flamengo e o time sueco *Allmänna Idrottsklubben* (AIK) que deu início à primeira turnê europeia do Flamengo, ocorrida em 1951 e que teve como chefe da delegação José Lins do Rego. Para tal fim, a pesquisa em jornais brasileiros e suecos do período, ambos com base em consultas feitas *in loco* nos arquivos dos dois países, permitem trazer à tona fatos e elementos de análise inéditos, tanto sobre a excursão do Flamengo como sobre a atuação de José Lins do Rego dentro do campo futebolístico.

A aproximação de José Lins do Rego com a Suécia havia começado literariamente no romance *Riacho doce*, publicado em 1939. JLR foi um dos primeiros escritores brasileiros a ambientarem um romance em terra estrangeira, sendo a primeira parte de *Riacho doce* ambientada nesse país escandinavo. De acordo com Minchillo,⁷ não parece haver “outro romance brasileiro publicado nas décadas de 1930 e 1940 ambientado parcial ou integralmente no estrangeiro”.

A ficção tem como personagem principal a sueca Edna, casada com o engenheiro compatriota Carlos, que vem ao Brasil para trabalhar na indústria do petróleo na região de Maceió, acompanhado de sua esposa. A primeira parte dessa obra se passa no interior de uma Suécia fictícia projetada por JLR e que nos fala da caracterização do

⁷ MINCHILLO. *Erico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas*, p. 110.

país e de seu povo a partir da construção literária. O romancista, no entanto, só viria em verdade a visitar o país escandinavo somente 12 anos após a publicação do livro.

Outra relação entre JLR e a Suécia diz respeito à publicação de *O menino de engenho* vertido ao sueco: *Pojken på sockerplantagen* (Montevidéu: Nordan Comunidade, 1990). Na *Kungliga Biblioteket*, localizada na capital sueca, pude localizar um exemplar da tradução do primeiro romance de JLR, parte da coleção Latino-americana XX (Fig. 1). Esta reuniu traduções de obras de Mario Benedetti, César Vallejo, Carlos Fuentes, José María Arguedas, Juan Rulfo, Clarice Lispector, Josué Montello, entre outros. É intrigante que a impressão da edição escandinava tenha se dado em Montevidéu (Edinor – Comunidad del Sur, novembro 1990) e que a tradução tenha ficado a cargo de Carl-Erhard Lindhal. O tradutor assina também a pequena biografia de José Lins do Rego presente no volume, na qual é sublinhada a atuação do autor como romancista, cronista, sobretudo d'*O Globo*, e ligado ao mundo esportivo brasileiro, mencionando inclusive a ida à Suécia, em 1951.

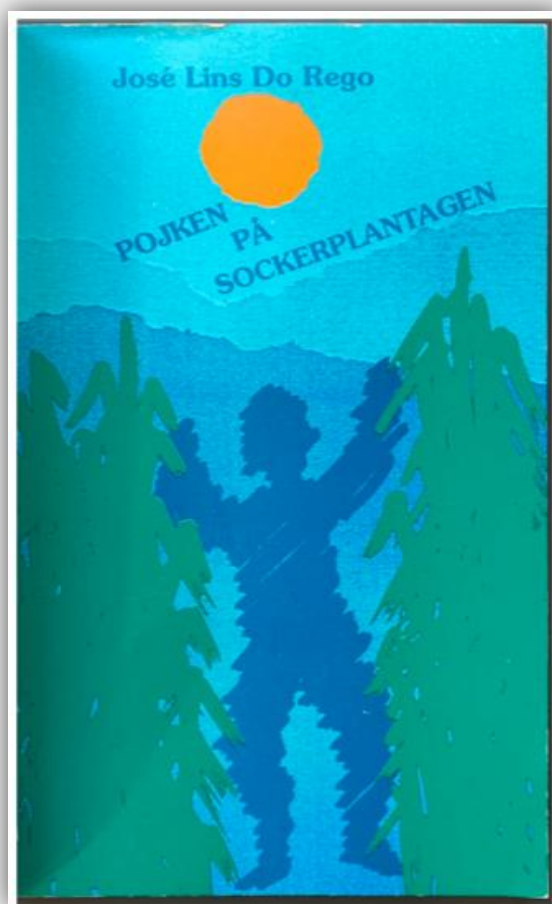


Fig. 1 - Capa da tradução sueca de Menino de engenho.
Fonte: Kungliga Biblioteket.

O tradutor Carl-Erhard Lindhal considera *Pojken på sockerplantagen* uma das principais obras da Literatura Brasileira e destaca a força dos elementos autobiográficos em seus romances ficcionais. A descrição da obra traduzida, ainda de acordo com Lindhal, é repleta de melancolia e nostalgia. Ela indica que a organização dos capítulos do romance se parece com “pequenos romances” e não obedece à

linearidade. A apresentação salienta que José Lins se utiliza de uma linguagem “indisciplinada”, com rico uso de vocabulário regional.

Pesquisar a ida de José Lins à Suécia passou, inevitavelmente, pela relação do contexto brasileiro, do Estado Novo, em relação ao projeto político de branqueamento da população por meio da imigração, vigente desde o Segundo Reinado e a Primeira República, mas dessa vez vendo o sueco como imigrante ideal. O primeiro congresso eugenista já havia ocorrido no fim dos anos 1920. O movimento eugenista brasileiro tinha diferentes vertentes, mas concordavam que a maneira de branquear necessitava a filtragem dos imigrantes e postulavam ainda que o atraso da população se devia à má formação derivada da miscigenação.

Nesse sentido, Fábio Koifman⁸ investiga o projeto de branqueamento da população brasileira na política do Estado Novo e no contexto da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o historiador, o sistema de cotas de imigração foi mencionado taxativamente na Constituinte de 1934. A partir de 1938, o governo criou um critério técnico que passou a ser vigente e estritamente controlado de 1941 adiante, inclusive dando direito ao cônsul de verificar visualmente se o imigrante se encaixava na ideia de raça idealizada pelo programa de imigração. A orientação dos consulados era simplesmente negar o visto dos imigrantes que não se encaixassem no perfil estipulado. No caso dos judeus, a partir de 1941 somente aqueles que eram considerados imigrantes capitalistas ou pessoas de notório conhecimento e técnica tinham acesso ao visto.

[...] a efetiva entrada em vigor de leis que, mesmo eventualmente flexibilizadas (para favorecer a entrada de imigrantes desejáveis) ou enrijecidas (nos casos dos considerados indesejáveis), tiveram suas regras realmente aplicadas, contrariando a ideia de que no Brasil o rigor das leis imigratórias não teria sido efetivo ou de que certos dispositivos criados jamais teriam sido aplicados aos casos concretos.⁹

O historiador indica que a partir de 1942 outro tipo de imigrante seria considerado de bastante valia para a composição da nossa população: o imigrante sueco. O tipo nórdico não tinha a mesma religião, nem o mesmo idioma, nem a mesma cultura, tampouco a origem histórica que os portugueses. Os suecos foram assim favorecidos por Vargas durante essa nova política discriminatória, pois servia de contraponto ao fenótipo mestiço do brasileiro. Embora o número de imigrantes suecos seja baixo, a pesquisa de Koifman comprova que esta amostra de imigrantes sublinha a flexibilização das leis relacionada à qualidade do imigrante solicitante.

Embora o livro de Koifman só trate da questão imigratória no Brasil até o ano de 1945, muito da política adotada teve continuidade nos quinze anos subsequentes, sendo apenas no governo de Juscelino Kubitschek que viriam a ocorrer algumas mudanças substanciais. As manutenções também decorreram do fato de que um bom número de burocratas e diplomatas envolvidos nesse projeto eram, em boa parte, funcionários públicos concursados, malgrado desde 1945 o discurso ideológico sobre imigração tenha passado a ser mais discreto e o controle imigratório tenha apresentado certo afrouxamento.

⁸ KOIFMAN. *Imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*.

⁹ KOIFMAN. *Imigrante ideal*, p. 132.

Ainda segundo Koifman, “aqueles que tiveram incumbidos de selecionar os novos imigrantes demonstraram grande interesse em atrair os que de forma alguma poderiam ser encaixados no padrão desejado, por exemplo, os imigrantes suecos”, indício de que:

[...] a seleção pretendida dos estrangeiros e o interesse pela vinda desse tipo de imigrante não estiveram única e necessariamente relacionados a preocupações limitadas à manutenção da unidade nacional e da identidade moral, étnica e cultural, tal qual apareceu nas justificativas dirigidas ao público, mas também contextualizados ideal e calcadamente em uma pretensa “melhoria” eugênica dos brasileiros.¹⁰

Ao revelar a figura do sueco como imigrante ideal, o estudo de Fábio Koifman é a chave de abertura para que seja apresentada a vinda de Gunnar Göransson ao Brasil. Nascido na cidade sueca de Gotemburgo, a 31 de julho de 1914, Otto Ola Gunnar Göransson (1914-1974) residiu na cidade de Lima, no Peru, antes de se tornar residente brasileiro. Durante sua vida no Brasil, ele morou no Rio de Janeiro e atuou como representante da Facit – empresa sueca que produzia máquinas de escrever e outros utensílios de escritório.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Otto Ola Gunnar Göransson
Admitido em território nacional em caráter temporário-transito
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 6 letra - do dec. n. 7.988, de 1945
Lugar e data de nascimento Göteborg, em 31/7 / 1914
Nacionalidade sueca Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Otto e Brita Göransson
Profissão comercio
Residência no país de origem Lima, Peru

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. F 2915 expedido pelas autoridades de Överståthållar-ambetet em Estocolmo na data 15.1.1945
visado sob n. 187

ASSINATURA DO PORTADOR:
G. Göransson

Legação do Brasil em Estocolmo
30 de julho de 1948
O CONSUL:
1.3.1948

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fig. 2 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, frente.
Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

A ficha consular de Gunnar Göransson (Figs. 2 e 3), conservada no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, indica também que seu passaporte fora emitido em Estocolmo, capital de seu país, a 15 de janeiro de 1945. A referida ficha, assinada

¹⁰ KOIFMAN, *Imigrante ideal*, p. 97-8.

pela Legação do Brasil na capital sueca a 30 de julho de 1948, discrimina o caráter temporário/de trânsito de sua passagem pelo Brasil. Consta a seguinte indicação: “Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino”.

Após consulta pessoal ao pesquisador, o historiador Fábio Koifman forneceu a informação via e-mail de que no Arquivo Nacional constam registros de duas entradas de Gunnar no Brasil: a primeira em 21 de agosto de 1945 e a segunda em 01 de dezembro de 1948. Desde a sua primeira vinda, o Serviço de Visto do Ministério da Justiça já havia sido fechado, fato que ocorrera no último dia de fevereiro de 1945. Assim, na situação das suas duas entradas no país a decisão de permissão já era atribuição do Itamaraty. Não foi possível consultar a carteira de estrangeiro desse personagem.

OBSERVAÇÃO—As autoridades consulares não farão lançamentos nesta parte da ficha

Data do desembarque 21/8/48 Embarcação LIN. IAE

Permanência em território nacional até 30 dias

Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades d
registro n.

Foi residir à

Vai trabalhar

Pretende deixar o Brasil pelo porto de

Observações

H & S Ltd.
Estereotipado
4/5/52

Fig. 3 - Ficha consular de Otto Ola Gunnar Göransson, verso.
Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Sua paixão pelo futebol o acompanhara desde os tempos suecos, onde e quando já exercia funções de dirigente esportivo. Como integrante da diretoria do Flamengo, Gunnar foi mediador cultural e esportivo: se ele viabilizou os primeiros amistosos sueco-flamenguistas, ocorridos no estádio das Laranjeiras nos dias 08 e 18 de dezembro de 1949, em 1951 ele foi crucial na organização da excursão à Suécia.

Durante a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil e da qual a Suécia participou, o empresário foi responsável por receber a delegação da sua pátria-mãe e também foi escalado para narrar a transmissão do jogo Brasil 7 x 1 Suécia. Sabe-se que daí surgiu o seu apelido “Gunnar oj oj (Gunnar ô ô)”, pois durante a narração amadora do jogo, a pedido da rádio sueca Radiotjänst, era possível ouvir

a sua exaustão vocal. Naquele jogo, o Maracanã contou com aproximadamente 172 mil torcedores.¹¹

Em 1963, Gunnar viabilizou uma curta temporada de jogadores suecos no Brasil, a saber: Lars-Erik Ahlberg Helsingborgs IF, Roger Magnusson e Gosta Schmidt IFK Goteborg. No blog de Tomas Junglander, pesquisador sueco interessado em temas ligados à literatura e ao futebol, consta uma foto na qual Gunnar e Pelé posam ao lado desses jogadores em 1963 (Fig. 4).

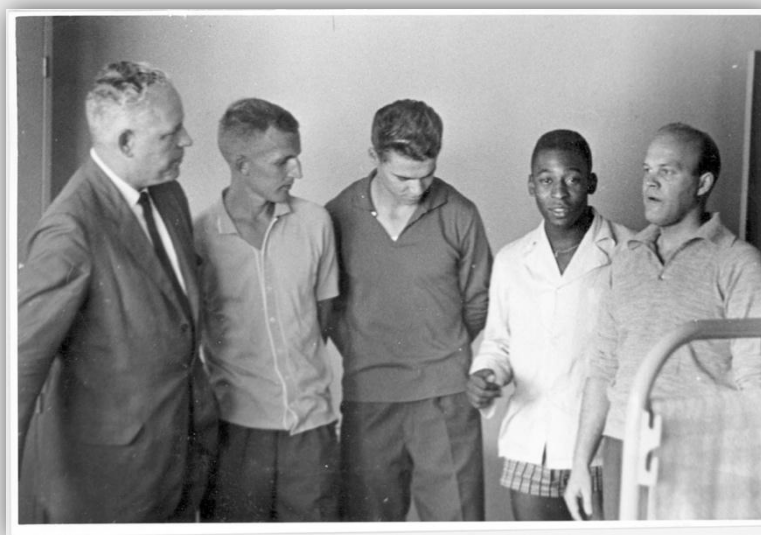


Fig. 4 - Gunnar Göransson, Lars-Erik Ahlberg, Roger Magnusson, Pelé e Gösta Schmidt no Rio de Janeiro, nov. 1963. Fonte: JUNGLANDER. "Gunnar Oj Oj Göransson". In: *VM Fotboll*, 09 ago. 2017

Já em 1965, Gunnar foi responsável pela vinda de jogadores suecos ao futebol brasileiro para um período de testes, a saber: Roger Magnusson, Kurt Axelsson e Roland "Rimbo" Lundblad (esse último chegou a atuar em dois amistosos pelo clube).¹²

A EXCURSÃO DO FLAMENGO À SUÉCIA (1951)

O portal oficial do Clube de Regatas do Flamengo fornece um exaustivo levantamento da totalidade das partidas realizadas pelo time em sua história. Em março de 2020 realizei consulta no portal "Fla-Estatística", a partir da qual foi possível constatar que o time sueco Malmö viera ao Rio de Janeiro para amistoso internacional, tendo jogado contra o Flamengo no estádio das Laranjeiras, a 08 de dezembro de 1949 (Flamengo 4 x 4 Malmö/SWE) e a 18 de dezembro de 1949 (Flamengo 3 x 0 Malmö/SWE).

O anúncio do *Jornal dos Sports* a 02 de fevereiro de 1951, em nota intitulada "Na presidência da CBD o sr. José Lins do Rego", indica que a partir do dia anterior, 01 de fevereiro, o cronista fora nomeado, na verdade, Secretário-Geral da Confederação. Assim, quando viaja com o Flamengo à Europa, talvez tenha sido esse um dos motivos da chefia da delegação do clube nessa primeira excursão europeia.

¹¹ "Oj, oj!" Fotbolls-VM i Brasilien 1950". *Sverige Radio*, 25 maio 2006.

¹² OLIVEIRA. "Jogadores europeus que atuaram no futebol brasileiro". *Rádio Esporte Metropolitano*, 11 jul. 2019.

Dois anos depois de os suecos terem jogados em terras cariocas, sabe-se que a delegação do Flamengo partiu rumo à Europa, onde realizou excursão a fim de disputar partidas amistosas na Suécia (nas cidades de Estocolmo, Malmö, Sundswall, Boras, Halmstad e Norrköping), Dinamarca (Copenhague), França (Paris) e Portugal (Lisboa).¹³

Das dez partidas dessa turnê, seis foram realizadas no país escandinavo. O dado evidencia a grande proporção dentre os jogos da turnê europeia realizadas neste país (60%). A 14 de março de 1951, em sua coluna “Esporte e Vida”, do *Jornal dos Sports*, JLR anuncia:

Escolheu-me Gilberto Cardoso para a chefia da delegação do Flamengo à Suécia, e o gesto me comoveu profundamente. Foi como me chamasse para chefiar uma missão de meu país, em terra estrangeira, uma honra que me encheu o coração de alegria e confortou a vida. Tenho o Flamengo no sangue (não fosse este vermelho como uma de nossas cores), e desde que me chamam para o seu serviço, não sou mais do que o seu escravo.¹⁴

O jornal sueco *Aftonbladet*, a 16 de março de 1951, noticia a assinatura do contrato entre o AIK e o Flamengo para a turnê europeia. A Figura 4 reproduz foto de Gilberto Cardoso, então presidente do clube carioca, cercado de representantes da AIK: Per Söderberg, sentado à sua esquerda; Gunnar Göransson, sentado à sua direita. Em pé, são identificados H. Moraes, Francisco Abreu, Ricardo Serran e José Lins do Rego, já designado como chefe da delegação (Fig. 5).



Fig. 5 - Gilberto Cardoso, Per Söderberg, Gunnar Göransson, H. Moraes, Francisco Abreu, Ricardo Serran e José Lins do Rego no Rio de Janeiro. Fonte: *Aftonbladet*, 16 mar. 1951.

¹³ Fla-Estatística – O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo. Página oficial.

¹⁴ REGO. “Escravo do Flamengo”. *Jornal dos Sports*, 14 mar. 1951.

O jornalista Ricardo Serran, a 20 de abril de 1951, assina a matéria “A experiência dos rubro-negros na Europa”, publicada no *Jornal dos Sports*. A reportagem traz os nomes que viriam a compor a delegação do Flamengo na excursão europeia:

A delegação do Flamengo será composta de vinte e quatro pessoas, sendo 18 os jogadores. Estão escolhidos, desde já: Claudio, Garcia, Pavão, Biguá, Newton, Dequinha, Bria, Bigode, Valter, Nestor, Hermes, Adãozinho, Índio e Esquerdinha.¹⁵

JLR avisa, em “Palavra aos campistas”, crônica de 28 de abril, que a delegação estava prestes a viajar à cidade de Campos dos Goitacazes, “antes de partir para a terra fria do Norte [...] para nos aquecer no calor dos vossos entusiasmos”. Já em 04 de maio, o texto “O Brasil na Suécia” traz a seguinte informação:

Vai o Flamengo a uma viagem de camaradagem à Suécia. Não vamos a procura de negócio rendoso, vamos nos encontrar com os altos representantes do verdadeiro espírito esportivo da Europa. [...].

Todos nós sabemos o que é a Suécia: uma nação de população evoluída, ao máximo, um povo com a maior capacidade para organizar-se em todos os sentidos da vida.

O Flamengo leva, como nos disse o prefeito Vital, a responsabilidade de representar o Brasil, de ser nos campos suecos a fibra, a técnica, a alma do nosso futebol.¹⁶

A nota “Tack, tack Flamengo!”, assinada pelo cônsul sueco Per Söderberg e publicada no *Jornal dos Sports* a 06 de maio 1951, permite entender que o convite inicial da excursão tenha partido do clube AIK. Além disso, indica que embarcaria, no dia 07 de maio, uma delegação com quase cinquenta pessoas:

É a primeira vez que um time brasileiro pisa na minha terra natal. Sinto-me feliz e orgulhoso de apresentar à minha gente um clube como o Flamengo, cuja glória e tradição esportiva farão brilhar no Velho Mundo as cores brasileiras. [...]

Agradeço de todo o coração a maneira gentil e esportiva com que o Flamengo aceitou o convite do AIK.¹⁷

Já a matéria “Voa o Flamengo após festiva despedida”, por sua vez, especifica que a delegação havia acabado de embarcar para a Europa. Em contato com o pesquisador Bruno Lucena, que em 2020 era coordenador de pesquisa estatística do Flamengo, tive acesso à fonte do vídeo por ele publicado no YouTube.¹⁸ A tradução da narração do vídeo, do sueco ao português, é a seguinte:

Esta linda celebração aconteceu em Bromma no último verão, quando o time do Flamengo veio ao encontro do AIK e da Suécia. Nós iremos mos-

¹⁵ SERRAN. “A experiência dos rubro-negros na Europa”. *Jornal dos Sports*, 20 abr. 1951.

¹⁶ REGO. “O Brasil na Suécia”. *Jornal dos Sports*, 04 maio 1951.

¹⁷ SÖDERBERG. “Tack, tack Flamengo!”. *Jornal dos Sports*, 06 maio 1951.

¹⁸ “AIK 1 x 6 Flamengo – maio de 1951 – Amistoso em Estocolmo, na Suécia”; “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”.

trar a vocês algumas fotos do evento quando o time do Corinthians, que será o próximo visitante da América do Sul. Suas habilidades futebolísticas serão eventualmente eternizadas, mas este filme mostra a recepção do time do Flamengo quando da sua chegada em terras suecas.

O Flamengo treinará em Boson antes das partidas, eles mostram uma incrível agilidade e domínio da bola. Aqui vão algumas fotos do estádio Rasunda durante a partida AIK 1 x 6 Flamengo. Um esplêndido público presenciou a partida, no mesmo estádio onde o Corinthians também jogará, no dia 14 de maio contra o AIK no estádio Rasunda, no dia 16 contra o Djurgarden e na sequência joga nas cidades de Malmö, Gothenburg, Gavle e Halmstad.

O referido vídeo é narrado na língua sueca, tem duração de 1 minuto e 45 segundos e menciona a posterior ida do time paulistano Corinthians à capital do país, quando houve uma temporada de amistosos em 1952. As primeiras imagens trazem o desembarque da delegação e dos jogadores do clube carioca e a recepção sueca já no aeroporto. Neste momento é possível identificar José Lins descendo do avião em Estocolmo, ao lado do presidente Gilberto Cardoso. O paraibano carrega a bandeira do clube em suas mãos (Figs. 6 e 7).



Fig. 6 – Delegação do Flamengo na chegada em Estocolmo (1951)
Fonte: Museu José Lins do Rego (João Pessoa/PB).



AIK 1 x 6 Flamengo - Maio de 1951 - Amistoso em Estocolmo, na Suécia

Fig. 7 – José Lins descendo do avião na chegada em Estocolmo.
Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”. YouTube, 1m45s.

Em seguida, imagens dos treinos mostram a habilidade dos brasileiros, seguida de cenas do estádio do AIK, repleto de espectadores durante um dos jogos ali realizados. Chama a atenção a reprodução de dois planos dessa sequência (Figs. 8 e 9): durante o treino, uma menina sueca brinca de jogar a bola com as mãos com um dos jogadores flamenguistas.



Fig. 8 - Treino dos jogadores do Flamengo. Fonte: “AIK – Flamengo 1951 (1-6)”. YouTube, 1m45s.



Fig. 9 - Treino dos jogadores do Flamengo.
Fonte: "AIK – Flamengo 1951 (1-6)". Vídeo do YouTube, 1m45s.

A Figura 15, publicada no *Aftonbladet*, também ilustra José Lins com o manto rubro-negro em mãos no momento posterior ao desembarque da delegação, ao lado de outros membros esportivos, com Olle Järvheden à sua esquerda. Putte Kock, escritor e também diretor do AIK, posa com o braço direito erguido e punho cerrado. A legenda indica que o diretor do AIK celebrava JLR, considerado por ele como “o maior autor brasileiro” e salienta a aparência cansada, embora impressionada, do paraibano.



Fig. 10 - Jogadores do Flamengo recebem lenços e gravatas da Nordiska Kompaniet (NK).
Foto de Erik Leonard Holmén. Fonte: Portal DigitaltMuseum.

O portal *DigitaltMuseum*, base comum de dados de museus e coleções da Suécia e da Noruega, reúne em seu acervo mais de 4 milhões de itens catalogados entre fotografias, objetos, exposições de arte, dentre outros. A consulta pela palavra-chave “Flamengo” identifica dezoito fotografias com registros da excursão de 1951, oito delas tiradas pelo fotógrafo Erik Holmén (1893-1963), que trabalhou para a Nordiska Kompaniet (mais conhecida como NK), entre os anos de 1917 e 1961.¹⁹

A Figura 10 ilustra a recepção dos jogadores dentro do que parece ser a sede da rede de lojas Nordiska Kompaniet. Os atletas são presenteados por itens como lenços e gravatas, que compõem o traje social por eles utilizados nos passeios na cidade, do qual se destaca o terno que tem fixado, no bolso, o emblema do clube Flamengo.

As Figuras 11 e 12 trazem registros das partidas e focam em lances do jogo e em imagens panorâmicas. Estas dão destaque ao estádio e ao grande público ali presente.



Fig. 11 - Torcedores assistem à partida Flamengo X AIK a 20 de maio de 1951. Foto de Norrlandsbild. Fonte: Portal DigitaltMuseum.

A pesquisa feita na *Kungliga Biblioteket* (Real Biblioteca da Suécia) permitiu a consulta aos seguintes jornais digitalizados: *Aftonbladet*, *Dagens Nyheter*, *Expressen* e *Svenska Dagbladet*. Também foram consultados os microfilmes dos seguintes periódicos: *Idrottsbladet*, *Stockholm-Tidningen*, *Svenska Dagbladet* e *Sydvenska Dagbladet*. Com exceção do jornal *Sydvenska Dagbladet*, da cidade de Malmö, os outros são todos da capital do país, Estocolmo.

¹⁹ “Holmén, Erik (1893-1963)”. Pequena biografia no Portal *DigitaltMuseum*.



Fig. 12 - Jogadores do Flamengo e do AIK durante a partida do dia 20 de maio de 1951. Foto de Norrlandsbild. Fonte: Portal DigitaltMuseum.

A leitura aos jornais digitalizados possibilita identificar 96 menções ao clube brasileiro de futebol datadas de 1949. O jornal *Dagens Nyheter*, por exemplo, a 13 de abril de 1949 anuncia a excursão do Malmö à Argentina (onde jogaria com o Boca Juniors) e ao Brasil (onde jogaria com Flamengo, Fluminense e Botafogo). Sabe-se que os jogos do Malmö contra o Flamengo no Rio ocorreram nos dias 08 e 18 de dezembro de 1949, como mencionado anteriormente no início deste capítulo. Os periódicos digitalizados datados de 1951 apresentam, ao todo, 429 menções ao Flamengo, dentre as quais as principais delas serão analisadas adiante.

A Figura 13 é uma ilustração que ressalta os traços latinos e mulatos dos jogadores titulares do time brasileiro. Aqui é importante ressaltar também que, três anos depois, em 1954, durante a Copa do Mundo sediada na Suíça, JLR também viajou com a CBD, mas não chefiou a delegação. O chefe naquela ocasião, João Lyra Filho, justificou a derrota para a Hungria, que eliminou o Brasil da competição, em termos raciais.²⁰ Lembremos que o Flamengo de 1951 aqui apresentado era composto principalmente por jogadores negros, ao contrário do que predominara na escalação da seleção brasileira até a Copa de 1958, que também viria a ser realizada na Suécia, um ano após a morte de JLR. A equipe nacional começa sem os jovens Pelé e Garrincha e apenas no decorrer do campeonato, afinal conquistada pelo selecionado brasileiro, as duas estrelas do time participam.

²⁰ LYRA FILHO. *Taça do Mundo, 1954*.



Fig. 13 - Idrottsalbum C. R. Flamengo Brasilien [Ilustração do Flamengo da temporada europeia de 1951].
Fonte: *Rekordmagasinet*.

Um dia depois da vitória do Flamengo sobre o Malmö, a edição do jornal *Svenska Dagbladet* do dia 17 de maio de 1951 destaca que na partida “duas raças diferentes se enfrentaram” e analisa a performance do time da Gávea como “um bando de velocistas, que também podiam ficar com a bola, que podiam girar sem espaço, que podiam fazer malabarismo com a bola e com eles mesmos independentemente da gravidade”. A edição do jornal *Stochholms-Tidningen* de 21 de maio de 1951, por sua vez, analisa a passagem do time carioca pela região de Estocolmo:

O Flamengo pode deixar Estocolmo sabendo que fez uma representação notável pelo futebol brasileiro e esportividade. Equipes mais habilidosas jogaram aqui, acima de tudo mais eficientes, mas poucas delas irradiou tal charme, alegria de jogar e simpatia como estes sul-americanos, de quem a impressão final também é que eles são capazes de muito mais do que eles mostraram durante estes dois jogos em Råsunda.

Nessa mesma data, o *Dagens Nyheter* traz na capa uma foto do jogo entre AIK e Flamengo e mais adiante a matéria intitulada “O Flamengo brincou com o AIK: ensolarado, real”, relata que o time brasileiro levou a partida de forma leve e divertida, não deixando de estarem satisfeitos com a vitória por 6 a 1. O ensolarado do título da matéria faz referência ao dia de sol escaldante e o real indica que o rei sueco, que fora coroado por aqueles tempos, dava sua primeira aparição pública naquele estádio. A performance dos jogadores brasileiros é exaltada por sua elegância nos movimentos, pelas acrobacias e pela facilidade lúdica enquanto em campo, mas é reforçada a ideia de que o Flamengo poderia ter sido mais polido, já que o adversário não os cobrava um jogo duro. Ao final do jogo, a matéria indica que os jogadores do Flamengo jogaram flores às mulheres que estavam no estádio.

Ainda nessa mesma edição, o *Dagens Nyheter* narra um jantar oferecido ao time do Flamengo, ocorrido no Hasselbacken. Na ocasião, o meio-campo Adãozinho experimentou o *saft*, água saborizada muito comum na Suécia. Além disso, o jornal

comenta a passagem da equipe da Portuguesa de Desportos na Suécia: de acordo com o portal *Acervo da Bola*, o time da cidade de São Paulo estava ali também para a disputa uma série de jogos amistosos internacionais e joga na Turquia e na Espanha entre os meses de abril e maio de 1951.

Assim como no caso dos jogadores do Flamengo, o *Dagens Nyheter*, ao comentar o jogo do *Hammarby Idrottsförening* (HIF) contra a Portuguesa, descreve os jogadores do time paulistano como “onze brasileiros de pele escura”, dando o destaque da partida para Nininho, que marcou quatro gols – o resultado da partida foi Portuguesa 5 x 3 HIF, e para Djalma Santos, camisa n. 11, “tão preto quanto o famoso café”, muito prestigiado por sua técnica em campo.

A Portuguesa de Desportos também jogou na Suécia contra Helsingborg (vitória por 5 a 3, 20 de maio), Sondra (vitória por 1 a 0, 26 de maio), IFK Kamraterna (vitória por 4 a 2, dia 28 de maio), Göteborg (vitória por 2 a 1, 29 de maio) e IFK Norrköping (vitória por 3 a 2, 31 de maio). O esquadrão também ganhou as partidas contra Fenerbahçe, Galatassaray, Besiktas, seleção turca, Atlético de Madri e Valência.



Fig. 14 – Adãozinho e Hasse Jeppson se reencontram em Estocolmo
Fonte: Idrottsbladet, 11 maio 1951.

Ainda sobre as notícias em jornais suecos relacionadas à turnê do Flamengo, 8 edições do *Idrottsbladet*, de Estocolmo, fazem menções ao time rubro-negro: nos dias 11, 15, 18, 21, 23, 25, 28 e 30 de maio. Na capa da edição de 11 de maio de 1951, falam de “27 anos de espera pelos maiores virtuosos do futebol do mundo, os sul-americanos”. Na página 2, dessa mesma edição vem uma foto muito simbólica

desse intercâmbio esportivo e cultural (Figura 14), na qual sem seus uniformes clubísticos, provavelmente em algum encontro social, Adãozinho e Hasse Jeppson (1925-2013), que se reencontram um ano após a Copa do Mundo sediada no Brasil. Naquela época o jogador sueco atuava no Charlton Athletic F. C. de Londres.



Fig. 15 - O massagista Ovídio, o “Johnson”, carrega cobertores para os jogadores do Flamengo e José Lins do Rego com Putte Kock e Olle Järvheden. Fonte: Aftonbladet, 10 maio 1951.

Dentre as notas jornalísticas, essa mesma edição de *Aftonbladet* chama atenção para o fato de que alguns dos nomes dos jogadores brasileiros não correspondem, na verdade, aos seus “verdadeiros nomes”, mas sim aos apelidos. Para tanto, explica o significado de “Bigode” em sueco e esclarece que “Esquerdinha” na verdade se refere a um jogador canhoto, com habilidades melhor desenvolvidas com o pé esquerdo. Outro dado curioso é como eles apontam a rotina dos flamenguistas: “O Flamengo treina 4

horas por dia. Eles também tomam banho, dançam e passam tempo livre juntos. Um jogador brasileiro joga no seu máximo desempenho por no máximo 10 anos”.

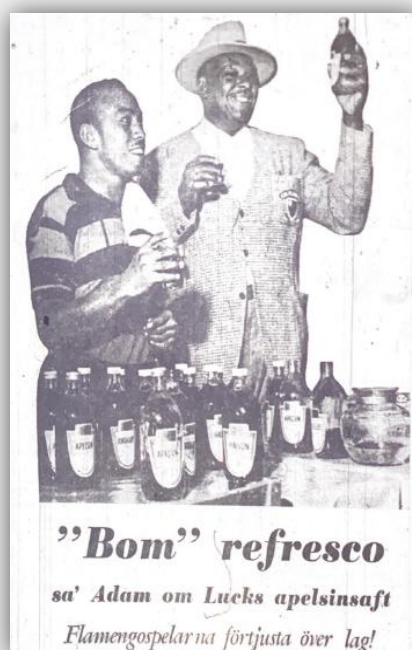


Fig. 16 - Propaganda com Adãozinho e o massagista Ovídio (o “Johnson”) para empresa de suco de laranja Luck. Fonte: Idrottsbladet, 25 maio 1951.

Sobre a bola brasileira, vale recuperar a entrevista do técnico Flávio Costa, concedida ao *Aftonbladet* e publicada a 10 de maio de 1951 com o título “Treinador Flávio Costa: ‘Passamos pela Inglaterra’”. Em seu discurso, Flávio destaca a felicidade da equipe brasileira em poder mostrar seu futebol na Suécia. O treinador lembra que o futebol brasileiro é originário da Inglaterra, mas que as calças compridas e os sapatos e bolas duras e pesadas nos trópicos brasileiros foram substituídos por equipamentos feitos no nosso próprio país, sapatos mais leves, bolas mais ágeis e calças mais curtas, de maneira que o técnico do Flamengo vê o futebol brasileiro daquela época liberto da influência inglesa: “agora são os ingleses vindo até nós para comprar nosso equipamento”.

Sobre a evolução do futebol brasileiro, o técnico diz que foi possível ultrapassar o nível da Inglaterra pelo fato de o futebol ter sido institucionalizado. Desta maneira, a propagação do esporte nos rincões do Brasil é muito alta: “Todo garoto chuta, seja com um pedaço de papel, com uma pedra, com trapos, bem, com qualquer coisa”. A imagem do futebol brasileiro por ele transmitida é vaticinada da seguinte forma: “O futebol é mais do que um esporte nacional em nosso país e, portanto, acho que temos algo para mostrar em Råsunda [estádio do AIK, nos arredores de Estocolmo] em breve”.

Adãozinho é, dentre os jogadores, o mais mencionado dentre as matérias suecas reunidas, seja pela sua habilidade como jogador seja pela sua irreverência. Tais pontos chamavam a atenção do espectador sueco, a realçar um time negro, e rubro, e a apresentar jogadas, movimentos e contatos raciais com os quais não estavam habituados.

José Lins figura também na capa da edição de 10 de maio de 1951 do *Aftonbladet* (Fig. 17), com o título central “Flamengo em cobertores”, com destaque mais uma vez à diferença climática do país nórdico, em relação ao brasileiro e como essa diferença pode ser motivo de difícil adaptação para os “24 virtuosos de pele escura”. A foto central da matéria mostra os jogadores brasileiros posados, todos eles enrolados em cobertores, ao lado do treinador Flávio Costa, que usa um casaco longo: “*Aftonbladet* pediu ao famoso técnico Flavio Costa para colocar o melhor time – e acima de onze foram embrulhados em cobertores e colocados para o fotógrafo do *Aftonbladet*. As imagens mostram as primeiras 24 horas no Instituto Idrotts (Instituto de Esportes)”.



Fig. 17 - Capa do jornal sueco Aftonbladet intitulada “Flamengo em cobertores”.
 Fonte: Aftonbladet, 10 maio 1951.

A Figura 18, uma caricatura de José Lins do Rego com assinatura não identificada, indica-o como “líder do Flamengo”. Ressalta o seu papel como “conhecedor de arte, escritor e homem da liberdade”.



Fig. 18 - O brasileiro José Lins do Rego, líder do Flamengo. Vilhelm Moberg e Erik Blomberg o dizem conhecedor de arte, escritor e homem da liberdade. Fonte: Idrottsbladet, 15 maio 1951.

Ao contrário do que se esperava no início da pesquisa, a primeira aparição, recuperada, de José Lins do Rego em jornais suecos data de 25 de maio de 1950, dia em que o *Aftonbladet* noticia o sorteio da Copa do Mundo, ocorrido em 22 de maio, e que contou com a presença de jornalistas e repórteres de rádio. A foto vinculada à notícia destaca o sueco Per Söderberg, José Lins do Rego (como representante do Brasil no sorteio), o uruguaio Manuel Caballero, o italiano Ottorino Barassi e o representante da FIFA, Hugo Fracarolli.

José Lins comparece também na capa da edição de 10 de maio de 1951 do *Aftonbladet*, com o título central “Flamengo em cobertores”, com destaque mais uma vez à diferença climática do país nórdico, em relação ao brasileiro e como essa diferença pode ser motivo de difícil adaptação para os “24 virtuosos de pele escura”. A foto central da matéria mostra os jogadores brasileiros posados, todos eles enrolados em cobertores, ao lado do treinador Flávio Costa, que usa um casaco longo. Quanto à foto que mostra JLR de costas, acompanha-a a seguinte legenda: “O maior autor do Brasil se chama José Lins do Rego, que está proferindo discursos elegantes. Ele comprou um novo casaco de primavera antes da primeira partida na Suécia – mas esqueceu de remover o preço. Que agora pode ser visto, imortalizado na história do futebol.”

Quanto a JLR, em 26 de junho de 1951, já de volta ao Brasil, o cronista assinala em forma de balanço: “Chego da Suécia convencido de que o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café para nossas exportações. Vi o nome do Brasil aclamado em cidades longínquas do Norte, vi em Paris aplausos a brasileiros, com o mais vivo entusiasmo”.²¹

²¹ REGO. “O Brasil era o Flamengo”. In: *Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951.

O levantamento das crônicas realizado por Edilberto Coutinho (1984) possibilita identificar os títulos de crônicas do *Jornal dos Sports* assinadas por JLR, entre os anos de 1945 e 1957. Dentre os textos levantados, a crônica “Os empresários”, de 23 de maio de 1957, mostra as excursões futebolísticas ao exterior, revisitas em chave crítica pelo romancista:

As viagens ao estrangeiro só dão lucros aos empresários. E estes tudo fazem para desmoralizar o nosso futebol em excursões penosas. Gente destituída de qualquer apreço ao Brasil, com o único interesse de arrancar o máximo de nossos quadros, pouco se dando que o futebol não pode ser uma sucessão de jogos em mínimo espaço de tempo, numa verdadeira maratona para liquidar as mais sólidas constituições físicas. Tenho para mim que o Conselho Nacional de Desportos deveria impor medidas regulamentares para a saída dos clubes.²²

Dentre os textos dedicados à temporada na Suécia, “Malmö” (*Jornal dos Sports*, 01 jun. 1951) destaca:

vinte mil pessoas espremidas em arquibancadas de madeira, ou no chão, a aplaudir o team da terra mas sem hostilidades ao team em visita. O suco é o torcedor mais decente, menos furioso que se pode imaginar.

[...] Não sabe o que é estupidez esse povo capaz de perder sem amargor e de vencer sem arrogância.

Malmö é um porto de mar com duas paixões: as flores e o seu quadro de futebol. E tem razão para gritar pelos rapazes amadores que se fizeram tricampeões da Suécia. Ao contrário de Estocolmo, Malmö não é uma cidade risonha, com aquele ar de metrópole da Capital. É antes uma cidade reservada, com a sua grandeza de coração escondida para se mostrar maior no momento oportuno [...].²³

Já na crônica “O Brasil era o Flamengo” (*Jornal dos Sports*, 26 jun. 1951), JLR declara a seus leitores sobre a viagem:

o futebol é hoje produto tão valioso quanto o café para nossas exportações. Vi o nome do Brasil aclamado em cidades longínquas do Norte, vi em Paris aplausos a brasileiros com o mais vivo entusiasmo. Disse-me o meu querido Ouro Preto: “Só Santos Dumont foi falado pela imprensa desta terra, sempre distante de tudo que não é europeu, quantos os rapazes do Flamengo!”²⁴

Na última crônica como correspondente, intitulada “A lição dos suecos” (*Jornal dos Sports*, 12 jul. 1951), traz a seguinte constatação: “O Flamengo trouxe da Suécia a impressão de que, nas terras do Norte, existe de fato uma consciência esportiva acima do vulgar. Podemos dizer a mais pura, a mais elevada, a mais consciente compreensão da força dos esportes”.²⁵

²² REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 460.

²³ REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 353.

²⁴ REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 353.

²⁵ REGO apud COUTINHO. *Zelins, Flamengo até morrer*, p. 358.

JLR não deixa de publicar textos voltados ao país escandinavo quando retorna ao Brasil. Em 27 de janeiro de 1952, por exemplo, assina no *Jornal dos Sports* a crônica “Os nossos amigos, os suecos”, na qual menciona a presença no Brasil dos “amigos suecos do AIK” Hilding e Lindquevist. A seu juízo, os suecos são “exemplo de equilíbrio, de tolerância, de alto espírito esportivo” naquele mundo conturbado, sendo “exemplar a melhor civilização”, e dão “lições de comportamento social a uma Europa de cabeça virada”. O paraibano relembra a recepção em 1951: “nós, do Flamengo, fomos recebidos, pela Suécia inteira, como verdadeiros hóspedes privilegiados”.

As viagens esportivas de JLR revelam o futebol como uma paixão nacional, com o devido reconhecimento no exterior. A interação com estrangeiros permite que se utilize desse esporte para uma aproximação capaz de realçar a singularidade do país por meio de sua predileção esportiva. Embora as crônicas sobre a Suécia apareçam apenas no *Jornal dos Sports* e sejam poucas e breves, elas são representativas da faceta do cronista, no exercício de uma espécie de diplomacia cultural e desportiva.

Durante suas incursões, agiu como um impressionista, um “auscultador da terra, sentiu-a e diagnosticou-a” e como um viandante mais que como viajante, ou seja, como aquele que “viaja sempre exercendo alguma ação: observando, escrevendo, pesquisando”.²⁶ Seu interesse o motivava a estudar a história e a literatura dos países visitados, às vezes antes mesmo de conhecê-los

A presente seção abordou as impressões de José Lins do Rego sobre a Suécia, cujo ponto de partida é a relação estabelecida por ele e pelo Flamengo com o sueco Gunnar Göransson, que vivia naquela época na cidade do Rio de Janeiro, e que a partir de contato e de seu acordo estabelecido com o AIK de Estocolmo, viabilizou a primeira série de partidas amistosas. Estas viriam a ser parte da primeira turnê europeia do clube da Gávea, chefiada por JLR.

A passagem do Flamengo por Estocolmo, Malmö, Sundsvall, Borås, Halmstad e Norrköping rendeu o impressionante número de 429 menções ao clube rubro-negro, localizadas nos periódicos suecos consultados na *Kungliga Biblioteket*, dentre as quais as principais foram comentadas nesta seção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou reunir e analisar uma série de crônicas de viagem de José Lins do Rego, por entender que este recorte permite desvendar tanto o cronista quanto o viajante. As crônicas de José Lins do Rego, aqui apresentadas, trazem o colorido de suas impressões subjetivas e de seu estado de espírito, mesclam a experiência pessoal, a vocação literária e sua paixão pelo futebol e pelo Flamengo. Ao considerarmos sua vasta produção cronística, ainda pouco explorada pela Academia e pelo mercado editorial, este trabalho é mais uma contribuição aos estudos zelinianos.

Assim como no caso de seu grande amigo e parceiro intelectual Gilberto Freyre, a associação entre deslocamento geográfico e cultura letrada enriquece as crônicas de viagem de JLR: aqui devem ser consideradas as viagens livrescas, as realizadas por amigos e transmitidas a José Lins do Rego através de relatos orais e/ou escritos de suas experiências e da terceira e última viagem, vivida por ele “em carne e osso”.²⁷ Suas crônicas, publicadas n’*O Globo* e no *Jornal dos Sports*, ocupam

²⁶ HOLLANDA. *ABC de José Lins do Rego*, p. 233-234.

²⁷ PEIXOTO. *A viagem como vocação: itinerários, parcerias e formas de conhecimento*.

dentro desses periódicos um espaço de intercâmbio e interlocução com o leitor, de maneira que o cronista compartilha as experiências vividas e também analisa obras de autores estrangeiros. Assume assim, como Gilberto Freyre, “o papel de réporter e mediador cultural entre o mundo de fora e o Brasil”.²⁸

A viagem realça identidades e alteridades. Constitui-se através da comparação e a da colocação do Brasil em perspectiva,²⁹ utilizando-se, assim como os seus colegas regionalistas, de uma “dicção marcada pela oralidade, pelos coloquialismos, pelas descrições plásticas e pela força persuasiva, ancorada na autoridade de quem ‘viu’ e ‘ouviu’ de perto”.³⁰

A bagagem do José Lins cronista-viajante, em paralelo à introspecção do memorialista, deixa evidente o papel de José Lins como mediador cultural. José Lins do Rego se enquadra como agente tanto no processo de criação e produção de bens culturais – seus romances e crônicas –, quanto no processo de acesso e recepção de bens culturais – sendo ele também divulgador da cultura e do esporte brasileiros no Brasil e no exterior. Assim, JLR teve que se fazer mediador ao atingir sobretudo o leitor comum dos jornais. Além disso, vale destacar a sua atuação na Livraria e Editora José Olympio, na qual foi ele o protagonista do primeiro lançamento de livro no Brasil com sessão de autógrafos.

JLR acumulou funções e posições ao longo de sua trajetória profissional, empenhado na escrita e publicação de livros, crônicas de cotidiano, crônicas de viagem, crônicas esportivas, críticas de arte e cinema, livros infantis etc. Com projeção na capital da República, entre os anos 1930 e 1950, pertenceu a múltiplos meios intelectuais e teceu diferentes redes de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro.

O cronista José Lins foi mediador cultural, no país e fora dele. Voltou-se, além da sua obra literária consolidada, para práticas culturais de difusão e transmissão. Com efeito, utilizou-se do suporte jornalístico e, dentre os temas recorrentes, avultam o futebol, a política, a literatura e o cotidiano.

Entre outros intelectuais brasileiros que também se valeram das experiências de viagens para a produção de textos literários, podemos citar Érico Veríssimo, Graciliano Ramos (que foi à União Soviética em 1952), Cecília Meireles, Silva Melo, Guilherme de Figueiredo, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, João Ubaldo Ribeiro, Clarice Lispector (que foi à China nos anos 1960).

De diversas maneiras e a partir de diferentes abordagens, o texto literário referente às viagens que alcançam um grande público são escritos por homens de letras, ou seja, viajantes que ocupam uma posição privilegiada. Esta lhes permite categorizar, relacionar a partir da alteridade e/ou comparar a realidade, em contraste com a sua própria realidade rotineira local e nacional. Assim, tais escritos podem conter momentos de empatia, de reconhecimento das diferenças e das semelhanças, entre outras características.

Se os livros não são a única forma de artefato textual, é possível ir além dos romances zelinianos e encontrar em suas crônicas e nas suas viagens a compreensão imediata do mundo, das realidades e das múltiplas experiências de vida. Este capítulo procurou abordar JLR dentro desse circuito de atuação e produção, com o

²⁸ PALLARES-BURKE. Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos, p. 177.

²⁹ PEIXOTO. *A viagem como vocação*, p. 175.

³⁰ PEIXOTO. *A viagem como vocação*, p. 177.

intuito de estender as reflexões sobre seu papel de intelectual para além do romancista e cronista.

Como já dito, as experiências internacionais de JLR se deram primeiramente com base em leituras e na produção de crítica literária, mesmo antes de sua primeira viagem ao exterior, à Argentina e ao Uruguai, em 1943. Além de estar na capital federal, cidade com grande oferta de títulos de obras de autores estrangeiros em suas livrarias, José Lins do Rego travou contato com intelectuais de outras nacionalidades, que viviam ou estavam de passagem pelo Rio de Janeiro. A troca de correspondência também foi outra via de comunicação muito utilizada à época para contato entre escritores.

Assim, o autor, que realizara seus estudos ginasiais em Itabaiana, interior da Paraíba de início do século XX, radica-se em Recife, importante cidade portuária, para fazer o curso na tradicional Faculdade de Direito. Na capital pernambucana, trava contato decisivo com Gilberto Freyre, que, por assim dizer, o “desprovincianiza”. Em seguida, após breve passagem por Manhuaçu, Minas Gerais, torna-se funcionário público em Maceió, entre 1926 e 1935. A capital alagoana permite-lhe a integração à importante roda literária local, de onde saíam os principais nomes do regionalismo literário brasileiro, como Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, entre outros.

O prestígio literário o leva à capital da República. Ao público carioca, dedica o contato e a proximidade por meio da linguagem frugal da crônica, em particular, nos anos 1950, das crônicas de viagem. Por meio delas, JLR conta suas andanças, compartilha suas descobertas e constrói um elo, ao fazer do seu leitor também interlocutor. Transmite-lhe as particularidades e as semelhanças das terras por onde passou. Com certa frequência, em contrapartida, recorda-se de sua vida no engenho quando em terras estrangeiras. Ao viajar, codifica a sua experiência no formato de crônicas de viagem. JLR não é apenas um escritor cosmopolita isolado. Trata-se também de um representante cultural, esportivo e literário do Brasil no exterior, expande assim as suas redes de sociabilidade e contribui para a internacionalização de seu nome.

Seu lado cronista esportista fica evidenciado no conjunto das crônicas a respeito da Suécia, nas quais se distancia dos embates ideológicos, utilizando-se do futebol como ponto de análise cultural e diplomática em um sentido inovador da projeção do Brasil no mundo naquele momento, indo além do samba e do café.

Ao considerar que o romance regionalista contribuiu para a criação da identidade nacional e nos atermos ao caso de José Lins do Rego, é possível ver em suas histórias e também em suas crônicas símbolos da coletividade, da generalização dos traços particulares dos tipos brasileiros, que reforçam sua identidade cosmopolita provinciana. Busco preencher algumas das lacunas referentes à posição de José Lins do Rego como autor que transcendeu as fronteiras nacionais.

Procurou-se demonstrar também que a escolha de José Lins, tanto pelo Itamaraty como pela CBD ou pelo Flamengo, como integrante das viagens nas quais ele representava o Brasil, teve justificativa no seu papel de escritor consagrado e intelectual que transitava entre as mais diversas redes de sociabilidade, não sendo as posições políticas motivos de entrave na sua circulação entre os mais plurais grupos intelectuais.

Nesse sentido, JLR logra ao realizar suas viagens sem estabelecer grandes polêmicas políticas, sempre expressando suas opiniões humanistas a favor da li-

berdade de expressão, embora o impedimento de visto para visitar os Estados Unidos, fato ocorrido em 1954, mostre que ele não tenha sido de todo imune à ambiência da Guerra Fria, tendo sido inclusive filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Era esperado dele que conseguisse indicar o caminho de leitura da brasilidade a partir de sua atuação, como exemplo de intelectual representante de nossa literatura, cultura e sociedade, representante do regionalismo, movimento literário dos anos 1920-1930, que contribuiu para a criação da identidade nacional daquele período.³¹ Assim, suas histórias e estórias passam a ser símbolos da coletividade e tornam possível “generalizar o particular”. O autor vai além dos objetivos iniciais quando se lança no terreno das crônicas esportivas e de viagem. Traz ao leitor de jornal brasileiro um pouco do universo além das fronteiras, acentua sua linguagem coloquial, facilita a aproximação bem-sucedida com o leitor de jornal e concretiza a função de cronista-correspondente em muitas das viagens.

José Lins do Rego, paraibano, regionalista, provinciano-cosmopolita, se utiliza de suas leituras e experiência como romancista e cronista para, após sua primeira ida ao exterior, em 1943, começar a divulgar o Brasil no exterior, supostamente com base em seus traços singulares, e traduzir ao leitor de suas crônicas o mundo estrangeiro através de uma caracterização que aproxima o mundo do Brasil.

José Lins é assim ilustrativo da discussão do papel da arte e da cultura na formação da política externa brasileira dos anos 1940 e 1950, bem como da ideia de arte como reflexo das culturas nacionais e o papel dos escritores, fazendo as vezes ora de diplomata, ora de adido cultural, ora de representante de excursões brasileiras ao exterior.

Ele integrou diversas excursões de intelectuais brasileiros ao exterior, financiadas pelo Itamaraty, e chefiou a delegação do seu time do coração, o Flamengo, e da Seleção Brasileira de Futebol em excursões internacionais. Além disso, chegou a ser cogitado para exercer o cargo de adido cultural no Chile, como comprova carta de Guimarães Rosa para Álvaro Lins, enviada do Rio, em 15 de junho de 1953: “[...] ontem mesmo, o Ministro, em ‘testamento’, mandava instruções à Divisão Cultural, no sentido de designar para o Chile o nosso Zé Lins! E se, ainda hoje, estamos agenciando os últimos alinhavos para a ida do Josué Montello para Lima...”.³² Naquele mesmo ano o paraibano havia chefiado a delegação da Seleção Brasileira de Futebol no Campeonato Sul-Americano de 1953, ocorrido em Lima, no Peru.

Em âmbito nacional, outras especulações corriam a respeito de JLR, da eleição à Academia Brasileira de Letras à presidência do Clube de Regatas do Flamengo. A crônica de Vargas Netto, “Talvez por isso...”, publicada no *Jornal dos Sports* a 07 de novembro de 1952, acentua com perplexidade a ausência de JLR da presidência do clube rubro-negro. A caracterização de JLR feita por Vargas Netto indica que o cronista não se mostrava apto para a presidência de um clube de futebol por ser “povo”. Trata-se do mesmo caráter popular e expansivo atribuído à sua personalidade. A qualidade o fez ser escolhido para representar o país no exterior em diferentes circunstâncias.

O autor vivenciou os efeitos da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Em seguida, realizou diversas viagens à Europa na década de 1950, no início da Guerra Fria. Os temas em torno desses conflitos ligaram o mundo em experiência desnortead-

³¹ ALBUQUERQUE JUNIOR. *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. BUENO. *Uma História do Romance de 30*.

³² Carta de Guimarães Rosa a Álvaro Lins, 15 jun. 1953. Arquivo IEB-USP, Fundo Guimarães Rosa.

ra em comum, sendo os mesmos jornais que publicavam as crônicas também veículo através do qual as notícias circulavam, conectando cidadãos de todo o mundo.

As crônicas aqui reunidas e abordadas evidenciam a representação de José Lins do Rego como um provinciano-cosmopolita. Com base em leituras, trocas intelectuais, redes de sociabilidade e produção de romances, ensaios e crônicas, o autor desenvolveu a sua trajetória de escritor viajante e foi capaz de legar observações e relatos *sui generis* do contexto brasileiro e sobretudo da paisagem internacional dos anos 1950. Estes escritos, em sua maioria inéditos em livro ou constantes de obras nunca reeditadas, podem servir para redimensionar a riqueza e amplidão de um escritor prolífico e multifacetado, ainda hoje confinado pelo cânone da história literária à condição pontual de representante do regionalismo nordestino.

Esta excursão europeia do Flamengo, liderada por José Lins do Rego e da qual derivaram diversas reuniões de caráter diplomático e cultural nas relações Brasil-Suécia, também sintetizam a constante e bem-sucedida coexistência presente nesse momento da carreira do paraibano, entre o futebol e a literatura. O escritor representa o seu país, o seu time do coração e ainda dá voz à literatura brasileira, vista como periférica e exótica na Europa daquele momento e que até hoje enfrenta as questões de legitimação cultural e barreiras linguísticas, sendo as literaturas em língua inglesa, francesa e espanhola mais acessíveis, para não dizer dominantes, aos leitores ao redor do mundo que a literatura em língua portuguesa.

* * *

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1994.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. “José Lins do Rego: trajetória de uma obra”. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de. (orgs.). **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Edições Funesc, 1991, p. 208-224 (Coleção Fortuna Crítica 7 – direção de Afrânio Coutinho).

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. 1ª ed. São Paulo/Campinas: Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2015.

COUTINHO, Edilberto. **Zelins, Flamengo até morrer**. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1984.

DANTAS, Cauby. **Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho**. Campina Grande: Eduepb, 2015.

“Fla-Estatística: O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo”. Página oficial.

FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941 (Coleção Documentos Brasileiros).

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **ABC de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante ideal**: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Prefácio de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. E-Book. ISBN 978-85-200-1177-5.

LYRA FILHO, João. **Taça do Mundo, 1954**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.

MATOS, Regiane. **O provinciano cosmopolita**: redes internacionais de sociabilidade literária e as crônicas de viagem de José Lins do Rego nos anos 1940 e 1950. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). FGV-Rio, 2020.

MINCHILLO, Carlos Cortez. **Erico Verissimo, escritor do mundo**: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas. São Paulo: Edusp, 2015.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005. E-Book.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **A viagem como vocação**: itinerários, parcerias e formas de conhecimento. São Paulo: Fapesp/Edusp, 2015.

REGO, José Lins do. **Gordos e magros**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

REGO, José Lins do. **Bota de sete léguas**. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

REGO, José Lins do. **Roteiro de Israel**. Rio de Janeiro: Edições do Centro Cultural Brasil-Israel, 1955.

REGO, José Lins do. **Gregos e troianos**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1957.

REGO, José Lins do. **O vulcão e a fonte**. Apresentação de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.

REGO, José Lins do. **Pojken pa sockerplantagen**. Tradução de Carl-Erhard Lindhal. Montevideo: Nordan Comunidad, 1990.

REGO, José Lins do. **Riacho Doce**. Apresentação de Ivan Junqueira. 22ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

FONTES, EM ORDEM CRONOLÓGICA

“Na presidência da CBD o sr. José Lins do Rego”. **Jornal dos Sports**, 02 fev. 1951.

REGO, José Lins do. “Escravo do Flamengo”. **Jornal dos Sports**, 14 mar. 1951.

SERRAN, Ricardo. “A experiência dos rubro-negros na Europa”. **Jornal dos Sports**, 20 abr. 1951.

REGO, José Lins do. “Palavra aos campistas”. **Jornal dos Sports**, 28 abr. 1951.

REGO, José Lins do. “O Brasil na Suécia”. **Jornal dos Sports**, 04 maio 1951.

SÖDERBERG, Per. “Tack, tack Flamengo!”. **Jornal dos Sports**, 06 maio 1951.

“Voa o Flamengo após festiva despedida”. **Jornal dos Sports**, 08 maio 1951.

“AIK – Flamengo 1951 (1-6)” [jogo ocorrido em 20 maio 1951]. Vídeo do YouTube, 1m45s. Disponível em: <https://bit.ly/3F2ISEi>. Acesso em: 11 jul. 2021.

Rekordmagasinet, n. 21, 17 maio/23 maio 1951.

REGO, José Lins do. “Malmö”. **Jornal dos Sports**, 01 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “O Brasil era o Flamengo”. **Jornal dos Sports**, 26 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “Os rapazes do Flamengo”. **Jornal dos Sports**, 27 jun. 1951.

REGO, José Lins do. “A lição dos suecos”. **Jornal dos Sports**, 12 jul. 1951.

VARGAS NETTO. “Talvez por isso...”. **Jornal dos Sports**, 07 nov. 1952.

Carta de Guimarães Rosa a Álvaro Lins, 15 jun. 1953. Arquivo IEB-USP, Fundo Guimarães Rosa.

“Oj, oj!” Fotbolls-VM i Brasilien 1950”. **Sverige Radio**, 25 maio 2006.

JUNGLANDER, Tomas. “Gunnar Oj Göransson”. **VM Fotboll**, 09 ago. 2017.

OLIVEIRA, Bruno. “Jogadores europeus que atuaram no futebol brasileiro”. In: **Rádio Esporte Metropolitano**, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3VQqZ19>. Acesso em: 23 nov. 2019.

“Fla-Estatística – O museu virtual do Clube de Regatas do Flamengo”, sem data. Página oficial. Disponível em: <http://www.flaestatistica.com/estatisticas.html>. Acesso em: 04 nov. 2019.

“Holmén, Erik (1893-1963)”. Pequena biografia no Portal DigitaltMuseum. Disponível em: <https://bit.ly/3P1kCWW>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Portal *DigitaltMuseum*, sem data. Disponível em: <https://digitaltmuseum.se>. Acesso em: 15 mar. 2022.

Edições de jornais suecos consultadas da Kungliga Biblioteket (Estocolmo).

Dagens Nyheter, 13 abr. 1949; 21 maio 1951.

Idrottsbladet, 11 maio 1951; 15 maio 1951; 18 maio 1951; 21 maio 1951; 23 maio 1951; 25 maio 1951; 28 maio 1951; 30 maio 1951.

Svenska Dagbladet, 17 maio 1951.

Stochholms-Tidningen, 21 maio 1951.

Aftonbladet, 25 maio 1950; 16 mar. 1951; 10 maio 1951.

* * *

Recebido em: 15 de março de 2022.
Aprovado em: 03 de dezembro de 2022.